

## RESGATE DE MITOS E LENDAS NAS OBRAS COMPLETAS DE HÉLIO SEREJO

Mara Regina Pacheco (PG-UFGD/CAPES)  
Leoné Astride Barzotto (UFGD)

### RESUMO

As *Obras Completas* (2008) de Hélio Serejo permitem estudos sob diferentes vieses: o histórico, o político, o econômico, o cultural, etc. Este último, é o foco deste trabalho que pretende se ater ao resgate do lado mítico, de lendas, do folclore e das crenças presentes na narrativa deste escritor sul-mato-grossense. Esse resgate proporcionaria a legitimação do lado folclórico dessa região, fortalecendo a comunidade nas suas crenças e mitos, reforçando a concretização particular de um repertório próprio, o registro do que é marcadamente a constituição da nossa cultura folclórica. O escritor por meio das lendas, mitos e crenças, registra pela escrita, a “verdade” oral que ouviu durante a sua vida nessa região, marcando um lócus de enunciação particular, pertencente ao povo da região da fronteira Brasil/Paraguai.

**Palavras-chave:** *Mitos; lendas; Obras Completas; Hélio Serejo.*

### ABSTRACT

The *Obras Completas* (2008) by Hélio Serejo allow studies under different biases: the historical, political, economic, cultural, etc. The latter is the focus of this work that intends to stick to the rescue of the mythic, legends, folklore and beliefs of this sul-mato-grossense writer's narrative. This rescue would provide the folkloric side of the legitimacy of the region, strengthening the community in their beliefs and myths, particularly improving the achievement of a specific repertoire, the register of what is markedly the constitution of our folk culture. The writer through the legends / myths / beliefs register by writing, the oral "truth" that he heard during his life in this region, marking a particular locus of enunciation, from the people of the bordering region, Brazil/Paraguay.

**Keywords:** *Myths; legends; Obras Completas; Hélio Serejo.*

## 1. INTRODUÇÃO

Uma das principais características da literatura é que vida e literariedade estão enleadas. Mas para que um fenômeno efetive-se como literatura é necessário o espírito soprar sob a pena ou fazer vibrar a voz. (FERNANDES, 2002)

Para aqueles que foram criados no interior, nos rincões perdidos desse imenso país, com certeza tem guardado na sua memória uma história, um causo, contado por um avô, um tio mais velho, ou uma figura lendária que tenham conhecido. Momentos de prosa transcorridos à beira do fogo, ou na rede debaixo de uma árvore frondosa ou nas rodas da partilha do mate chimarrão ou tereré. Dessas tantas histórias, causos, mitos, crenças e lendas foram soprados sob a pena de Hélio Serejo, que tanto viveu, viu, ouviu, e fez questão de registrar na palavra escrita, a preciosidade que é a literatura oral popular.

A tradição oral, com seus mitos e lendas foi arrebatada pela cultura letrada e transformada em linguagem escrita. A habilidade de dar outra dimensão aos fatos ouvidos, aos acontecimentos quotidianos, tornando-os instigantes, reelaborando-os em letra impressa é a função do escritor. Hélio Serejo é este escritor. Um observador incansável das prosas contadas à beira do fogo, nas rodas de tereré, ambiente profícuo à manifestação da literatura popular e oral. Adentremos a esse universo possibilitado pela edição das *Obras Completas* (SEREJO, 2008).

As *Obras Completas* (SEREJO, 2008) de Hélio Serejo permitem estudos sob diferentes vieses (histórico, político, econômico), porém iremos nos ater nesse artigo ao lado cultural, mais precisamente o lado folclórico, no resgate dos mitos, lendas, e credices presentes na sua narrativa.

A fim de compreender a natureza do mito, há a necessidade de examinar a concepção das suas formas mais típicas, mais clássicas, bem como as sociedades na qual o mito faz parte da vida cultural. Se perguntarmos a uma tribo indígena se o mito é verdade, teremos como resposta uma afirmativa. Isso se deve ao fato de que o homem simples não separa o mundo à sua volta de si mesmo, já que crê que o que o circunda é uma extensão de si próprio, por conta de sua cosmogonia.

Essa “ainda-inseparabilidade” se nos afigura não tanto fruto do sentido instintivo de unidade com o mundo natural e da concepção espontânea da utilidade na própria natureza quanto, precisamente, a incapacidade de distinguir qualitativamente entre a natureza e o homem (MIELIETINSKI, 1987, p. 191).

Verifica-se que não haveria a personificação universal dos mitos, bem como das crenças primitivas se não houvesse uma humanização ingênua do meio ambiente natural. Essa não divisão entre sujeito e objeto faz parte da natureza do pensamento primitivo, no qual o desenvolvimento dos conceitos abstratos é deficitário, o pensamento lógico é pouco diferente dos elementos emocionais, afetivos, motores. Esses aspectos são facilitadores e motivadores de ritos, crenças, e lendas. No entanto, os mitos não podem ser reduzidos à organização do mundo do homem primitivo, com finalidade organizadora, harmonizadora a fim de reconstituir a desordem e o caos. “A transformação do caos em cosmo constitui o sentido fundamental da mitologia (...)” (MIELIETINSKI, 1987, p. 196). O mito é explicativo e sancionador de uma ordem social e cósmica, é harmonizador das relações de grupos, e é também determinado por interesses sociais, seja ele, de tribos, de povos, de cidades, de estados.

Dentre as várias definições do mito, e das diversas concepções (explicativa, psicológica, ideológica), “o mito se define como *representações* fantásticas do mundo, como sistema de imagens fantásticas de deuses e espíritos que regem o mundo, ou como *narração*, como relatos dos feitos dos deuses e heróis” (MIELIETINSKI, 1987, p. 199).

Na outra ponta contrária do mito concebido como verdade, está a concepção ocidental de que o mito é imaginação, criação que surge com o intuito de dar respostas a fatos e fenômenos

naturais de cunho sobrenatural. Ou seja, o mito nesse parecer, é uma explicação coerente para um fato com feições sobrenaturais. “No mito residiria o ‘falso conhecimento’, funcionando como uma saída brilhante da dúvida, quando o homem depara com um evento inusitado” (FERNANDES, 2007, p. 201). Explicar e criar respostas dá ao mito característica de rito, de objeto, de crença. Faz com que ganhe ares de respeito e dele surjam simpatias, preces, orações que se perpetuam, já que a função do ritual é a preservação do que foi vivido.

Na característica de natureza humanizada do mito percebe-se que este tem o intuito de preservar a natureza das “ações civilizatórias”. Isso explica eles habitarem as matas, os rios, os corixos, enfim, espaços da natureza; e no seu oposto o homem civilizado morar nas casas, nos ranchos, nas fazendas, nos vilarejos.

Essa aproximação entre Natureza e Cultura no mito faz perceber que ele não quer preservar a cultura, mas defender a natureza do homem que a destrói. Nós estudiosos fazemos o trabalho inverso: intentamos resgatar a cultura de um povo através dos seus mitos, das suas crenças. Ao entender a cultura como um feixe composto de informações, transmissões, memórias, esquecimentos, “somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória” (FERREIRA, 2003, p. 75). Na narrativa, no grande texto, podemos resgatar a memória de um grupo, e nele, podemos fazer o resgate dos mitos, que é também um tipo de consciência, uma forma de memória coletiva. Atentamos nas *Obras Completas* (2008) de Serejo, uma preocupação no registro das histórias orais, uma ocupação em registrar na palavra escrita, um repertório colhido na vivência de atento *voyer* que foi esse escritor sul-mato-grossense.

## **2. MITOS E LENDAS, A ORALIDADE REGISTRADA NA ESCRITA**

Otávio Gonçalves Gomes, escritor de *Onde cantam as seriemas* (1988), obra que também é dica de leitura e deve ser fonte de pesquisa, escreveu sobre Serejo: “Hélio Serejo não é só poesia caipira, e pintura de paisagem sertaneja não. É contista primoroso. Mas até nesse gênero utiliza os motivos caboclos, o colorido, a música e a beleza agreste dos nossos sertões” (SEREJO, 2008), na orelha de “O homem mau de Nioaque”. O escritor tem um modo pessoal de contar histórias ao modo dos ervateiros, ao lado do fogo, na tapera do sertão, seja no calor, na chuva fina, mas sempre tomando chimarrão, conversando com o pai, os peões, os fugitivos, sem pressa, desfiando detalhes, dramatizando passagens, envolvendo ouvintes, deixando-se conduzir pelo contar da história. Histórias de gente, de animais, de coisas.

Hélio Serejo escrevia com amor ao verdadeiro, tratou de temas como o nativismo, o amor à pátria, à terra, às suas coisas. Foi incansável cantor do seu estado, o Mato Grosso e depois Mato Grosso do Sul. Temas como a paz entre os homens, a humanidade, a sinceridade, a justiça, a moral, a religião, sempre estavam no seu repertório. Mesmo se definindo como um católico convicto e

fervoroso, que tinha Deus como verdade inquestionável, aceita que os homens tenham outras crenças. Quando escreve *Lobisomem* (SEREJO, 2008, V. I) explica: “não critiquei e não condenei, portanto, as variações encontradas em outros povos, que compreensíveis e até lógicas, devemos sinceramente agasalhar e respeitar” (SEREJO, 2008, V. I, p. 143). E por outro lado, registra respeito às credences populares como em *Prosa Xucra* (SEREJO, 2008, V. I): “Acenderam, então, por ordem do quarteirão, dois fogos na terra pisoteada. Um de cada lado da tarimba. Assim o defunto teria luz. Que velar um ente humano, nas escuras, nessa hora extrema, é coisa que leva o cristão para as profundezas do inferno” (SEREJO, 2008, V. I, p. 288).

Já na obra *Rodeio da saudade* (SEREJO, 2008, V. III), ao descrever o pássaro joão-de-barro, afirma: “Diz o caboclo, na sua crença rude e confortadora, que o teu grito traz sempre felicidade. Se tu rondas o terreiro, a alegria virá, por certo, bater na nossa porta. Quantos não deixaram, ao relento, a prole numerosa!” (SEREJO, 2008, V. III, p. 289). Quando retrata o juá, uma fruta que segundo ele, resiste ao fogo do sol de das queimadas, expõe:

O carreteiro solitário e amoroso, com ele maduro, tira a prova do seu amor. Atira três no braseiro, porém um de cada vez, se são os estouros, a china de seus sonhos lhe é fiel, se falha um, está ele debochando e possui um outro amor; falhando todos, é simplesmente tábua de salvação, um cara sem sorte, que será encostado num canto, tão logo surja o príncipe encantando, aquele que teria de vir um dia, porque o papel de tinta acusara da simpatia da noite junina (SEREJO, 2008, V. III, p. 291).

Na obra *Zé Fornalha* (SEREJO, 2008, V. IV), ao informar que é tido como tradição ser da árvore cabriúva a cruz da qual deve ser fincada sobre uma cova, indaga ao leitor: “Por que cruz de cabriúva? Para resistir à ação destruidora de tempo? Não! A cabriúva afugenta maus espíritos. Cemitério com cruz de cabriúva nunca é assombrado” (SEREJO, 2008, V. IV, p. 137).

As *Obras Completas* (SEREJO, 2008) estão repletas de mitos e lendas da região da fronteira Brasil/Paraguai. De acordo com Hélio Serejo, lenda é uma “narrativa na qual a história está deturpada pela tradição [...] Vem da escrita milenar esta afirmativa: nas lendas há sempre um fundo de verdade” (SEREJO, 2008, V. 8, p. 73). O escritor por meio das lendas registra pela escrita, a “verdade” oral que ouviu durante a sua vida nessa região, marcando um lócus de enunciação particular.

*Contas do meu rosário* (SEREJO, 2008, V. IV), no subtítulo “Mitos e lendas de Mato Grosso”, Hélio registra vários mitos e lendas como: “Pé-de-garrafa”: um monstro amedrontador de uma perna só, cujo casco é endurecido no formato parecido a um fundo de garrafa, que vive nas matas assombrando o homem que trabalha com a poaia. A crença é que o monstro confunde o poaieiro imitando a voz humana fazendo com que esse se perca na mata. “Cabeça-de-boi”: era um monstro que surgia na região sulina mato-grossense, anterior à Guerra do Paraguai, que transformava o seu tamanho numa fração de segundos. Em tamanho pequeno praticava diabruras

como afugentar os bezerras e os porcos. No tamanho grande se unia ao demônio para praticar perversidades. Porém, quando começou a Guerra do Paraguai, não se viu mais o cabeça-de-boi. Ele não teria resistido aos tiros dos canhões. Quanto ao conhecido “Curupira Serejo pontua que existe sobre este duas versões. A menos aceitável é de ser uma índia velha. Magra de pele enrugada e olhos esbugalhados. A outra é um espírito das selvas, que recebe também o nome de caipora, um habitante do mato que rouba crianças para alimentá-las com frutas doces. Em Cuiabá, no Mato Grosso, o curupira é representado por anõezinhos nus de pele clara e olhos azuis que vivem na beira dos rios e colinas floridas. De acordo com o clima da região podem ser às vezes bonitos, graciosos e ágeis, ou feios, desengonçados e moles. Já o “Negrinho-d’água” é o guardador dos rios e peixes, e por ter muito ciúme deles, ninguém pode colocar a mão ou destruir. Ele corta a linhas dos anzóis, vira os barcos para defender o que esta sob seus cuidados. Aqui verificamos o lado do mito com finalidade organizadora, como mencionamos no início dessa discussão. Ou seja, o mito como harmonizador a fim de reconstituir a desordem e o caos na natureza.

A temática lenda aparece também no livro *Lendas da erva-mate* (SEREJO, 2008, V. V), que apresenta quatro histórias: O sabiá incentivador; O jaburu; Lenda da erva-mate; A transformação de Yari em pé de erva-mate. “Lenda da erva-mate” conta a história da bela Kaá Yari, a grande senhora dos ervais e deusa dos ervateiros. Ela ajuda os trabalhos com a erva-mate ocorram com sucesso. Para isso o ervateiro deve, na semana santa, ir a uma igreja e pedir a deusa em casamento, jurando jamais se afastar dos ervais e da deusa. Para merecer o respeito da deusa deve lutar com arma branca com feras enfurecidas e serpentes traiçoeiras, enfrentar a fúria do vento e do fogo, e ter que carregar sobre os seus ombros um peso equivalente a três vezes o seu próprio peso. Se vencer a tudo isso terá as núpcias com a protetora dos ervais. Ao lado da divina protetora o ervateiro tem sucesso desde o corte, ao peso final da erva. Porém, se a Deusa é traída por outra mulher, a desgraça cairá sobre o ervateiro fazendo-o cair em ruína e viver para o resto de seus dias atormentado pela vingança de Kaá Yari. Já a lenda “A transformação de Yari em pé de erva-mate” conta que o cacique pai de Yari, ao receber Jesus, São João e São Pedro no seu rancho e bem tratá-los, Jesus indaga o que pode fazer por ele. O velho pede proteção, dia e noite, para a amada filha a fim de protegê-la dos “mesquinhos e tentadores olhares” (SEREJO, 2008, V. V, p. 71). E Jesus atende o pai dizendo que transformará a filha em símbolo de bondade que consolará os aflitos e enfermos. E Jesus sentencia: “Tua filha será transformada numa encantadora árvore, verde de formas arredondadas, que espargirá um perfume característico, nos dias de canícula ou nas noites suavíssimas de luar” (SEREJO, 2008, V. V, p. 71). E transforma a bela, meiga e encantadora Yari num pé de erva-mate. Interessante aqui ressaltar o aspecto religioso convivendo harmoniosamente com o mito e a lenda.

Na obra *Lendas do Estado de MS* (SEREJO, 2008, V. VIII), aparecem várias lendas. No subtítulo “Lenda do cipó fronteiro”, figura diversos tipos de cipó e suas especificidades. O cipó-amarelo é próprio para sepultura isolada porque alegra o defunto. O cipó-amargo é veneno mata os animais que o comem. O cipó-cabeludo é remédio para nefrite infecciosa e cura dor no peito. O cipó-caboclo, ou cipó-capá-homem é afrodisíaco, faz mulher ficar rindo à toa. O cipó-chumbo é purgante. Cipó-de-cobra cura picada de toda espécie de bicho rastejante. Cipó-cruz se plantado no cemitério vela dos mortos, se for usado por mulher sardenta acaba com as sardas. Cipó-de-sapo se preparado como armadilha atrai insetos e os mata ao colher seu néctar. Cipó-suma, ou cipó dos porcalhões, se preparado como chá cura “porcarias de mulher à-toa” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 77), e sífilis. Cipó-tiririca ou sogá-de-bugre serve de amarrão e laço rústico para toda a eternidade. Cipó-vassoura ou timbopeba é matéria-prima para vassouras. Rancho varrido com ela é rancho de caboclo feliz, afugenta formiga e bichos peçonhentos.

Na mesma obra, Serejo conta a “Lendas do tapês” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 79). Os tapês são os caminhos que dividem uma ranchada ervateira. Eles são divididos em tapê-guassú (estrada maior); tapê-hacienda (caminhos que cortam a estrada maior); tapê-pói (trilhos que partem dos tapê-hacienda). Os tapês formam o labirinto da ranchada no qual os ervateiros vão deixando escorrer pelo chão, o sangue da dor e das dificuldades do mundo bruto da erva. Conta a lenda, que para abater a dor e o sofrimento, o ervateiro faz ecoar da garganta um grito, denominado “mbureio” que ecoa pelos tapês “reproduzindo o eco cem mil vezes” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 80). O grito deve retornar a quem o emitiu pela força do vento, afugentando o desalento e dando ao ervateiro novas forças. Se o “mbureio” não tem retorno, resta ao ervateiro abandonar a ranchada. Desse modo, o “mbureio” tanto pode ser esperança de dias melhores, como indício de uma desgraça, mesmo assim o peão do erval não o deixa de emitir, porque está preso em suas gargantas “aquele desejo, quase irrefreável, de gritar. Abrir a boca e soltar o grito emocionante. Ficar escutando o eco ir se distanciando cada vez mais” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 81), porém há sempre o receio de que o retorno não aconteça e a lenda se cumpra.

Outra lenda que merece destaque nessa obra é a lenda do “Redemunho”. Segundo Serejo, redemunho da fronteira, a lenda antiga afirma, é coisa de endoidecer qualquer cristão, porque sempre, quando ele aparece, vem tocado por Satanás, que está na outra banda, defendendo o que é seu, contra os intrusos” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 91). O homem crédulo do sertão tem medo de redemunho. No mês de março traz seca, miséria e desolação. No mês de agosto assusta, causa pandemônio.

Ainda na obra citada no parágrafo acima, existem muitas outras lendas, que mereceriam ser destacadas, cito aqui a “Mula-sem-cabeça”, que é conhecida nacionalmente, mas que Serejo traz sua versão da lenda no MS. Segundo ele, a lenda sul-mato-grossense da mula-sem-cabeça tem a

seguinte versão: uma mulher de belo corpo, cabelos longos e olhos negros se apaixona por um padre e com ele se casa. Na primeira sexta feira após o casamento ela foi atacada ferozmente por um cachorro preto e se transformou em mula-sem-cabeça. Desse modo, toda mulher que se casa com padre corre o risco de se transformar num monstro. Mula-sem-cabeça é pandemônio, é dotada de inteligência que ataca e mata pessoas que tentam solucionar o seu mistério. “Quando ela aparece rente à fronteira, pressentindo a aproximação de ser humano, oculta-se na primeira sanga que encontra, onde só é vista pelo vento furacão, que é seu companheiro de malfeitos” (SEREJO, 2008, V. VIII, p. 117). Interessante aqui é perceber as nuances que diferenciam a lenda nacionalmente conhecida, e a versão sul-mato-grossense, e Hélio Serejo permite a exploração desse aspecto.

Esses são apenas alguns exemplos da riqueza dos mitos e lendas da região do Mato Grosso do Sul que Hélio Serejo deixou registrados nas suas obras. Fica aqui o convite para que mais estudiosos se debrucem sobre essa infinidade de temas lendários registrados nessa obra, em particular.

Considero também de salutar importância dar um destaque especial ao tema folclore, que é apresentado por Serejo nas peculiaridades específicas da região. Para exibir um pouco do folclore regional, a obra *Carai*, apresenta “O lado folclórico” no qual Serejo pontua “apelidos de peão do erval, campeiro, pescador, carreteiro, roceiro, chofer, amansador de burros, tropeiro, mascate e caçador que viveram nos tempos de ouro da erva, na região fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 107). Aparecem diversos apelidos, alguns deles merecem destaque por seu quesito irônico como por exemplo: “Orangotango”: homem que trabalhou na ranchada Ajuricabamirim, propriedade do pai de Serejo, que era um monstro de feiúra e que tinha o sonho de ter para si uma companheira. Acabou por encontrar a mulher que tanto sonhava. Uma mulher desengonçada, corcunda, capenga. Porém, o homem se zangou quando passaram a chamá-la de bruxa. “A Chanoca era mesmo um monstrego (reconhecia isso) mas, sendo sua companheira, precisava defendê-la... e por ela brigava e matava, se preciso fosse, porque *el bienquerer és obra Del Señor*. (SEREJO, 2008, V. VI, p. 108). Outro exemplo é “Touro Sentado”: um paraguaio que trabalhava na ranchada Panambi-Verá de Francisco Rojas. O tamanho físico avantajado de 154 quilos não impedia que fosse um “atacador de grande produção. Trabalhava sentado num toco de peroba. O peso não lhe dava condição de executar o ataqueio de pé” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 108). Também outro interessante apelido é “Junta Cisco”: carreteiro da Mate Laranjeira que tinha um pé e o joelho paralítico. Ao caminhar ia arrastando o que encontrava pela frente causando muito riso (SEREJO, 2008, V. VI, p. 111). Esses são apenas alguns dos exemplos figurados na obra relativo a apelidos.

Hélio Serejo apresenta ainda como exemplo de folclore um morcego: o Andirá-Açu. De aspecto horripilante apavora qualquer cristão com seu vôo rasante. Relata que nos ervais, esse

mamífero noturno é um pesadelo. “Peão de erval supersticioso, não fica em ranchada onde aparece o andirá-açu” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 115). Há a crença de que o morcego traz malefícios como envenenar o sangue de mulher grávida fazendo o filho nascer aleijado, peludo ou com dois sexos. “Para que a desgraça não acontecesse, poucos dias antes do parto, a cunha deveria tomar um chá feito com sua própria urina, que limparia o sangue fazendo com que a criança nascesse perfeita e bonita” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 116). Outra figura interessante é Cunhã Tarová, do folclore guarani. Uma louca e endemoninhada mulher dos ervais paraguaios e brasileiros, que voava “quase rente ao solo, milhares e milhares de quilômetros por minuto” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 125). Guardava as riquezas das fronteiras das “pátrias irmãs”. A figura de Cunhã Tarová administra as chuvas e refreia as enchentes, “ensina o caminho certo ao homem perdido, que abranda a tempestade, que cura a peste, que alimenta o faminto com frutas do mato” (SEREJO, 2008, V. VI, p. 125).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos esses exemplos pelos quais passamos no decorrer deste trabalho, percebemos uma humanização ingênua do meio ambiente natural, e isso é que personifica os mitos universalmente. A dificuldade de separação do sujeito e objeto constitui a natureza do pensamento primitivo. O pensamento lógico é ligado aos elementos emocionais, afetivos, motores, facilitando e motivando os ritos, crenças, e lendas. Porém, como já abordamos anteriormente, os mitos não se reduzem apenas à organização do mundo do homem primitivo, com o intuito de reconstituição da ordem e do caos como afirma Mielietinski (1987, p. 196), mas é também construído por interesses sociais, étnicos, políticos. Explicar e criar respostas dá ao mito característica de rito, de objeto, de crença. Toda a força que deles brota ganha proporção respeitosa que se perpetua, que é levada de geração a geração, preservando o que já foi vivido. Hélio Serejo em sua obra registra a oralidade passada de geração em geração. Transforma em linguagem escrita o que ouvia ajudando que essa riqueza cultural se preserve ao invés de se perder no tempo.

É importante deixar registrado que esses são apenas alguns exemplos do lado folclórico presente em Serejo. Julgo ser um trabalho de extensão mapear todos esses aspectos míticos, folclóricos, das crenças e das lendas no escritor sul-mato-grossense. Caberia um trabalho de fôlego como uma dissertação de mestrado, ou ainda, tese de doutoramento, para dar conta de fazer um mapeamento detalhado e preciso desses aspectos em toda a coletânea das *Obras Completas* (SEREJO, 2008), almejamos que este trabalho desperte para tal.



## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *A voz e o sentido: poesia oral em sincronia*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Entre histórias e tererés: ouvir da literatura pantaneira*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

SEREJO, Hélio. *Obras Completas*. Campo Grande/MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008.